

1ª MESA REDONDA

1. Roger Bastide – No coração do negro

Raul Joviano Amaral

Estávamos na década de 1940 a 50. Num antigo casarão, transformado em casa de escritório, que ainda resiste ao tempo, Bastide me conheceu. Sim, por incrível que possa parecer, foi o Mestre que de mim se aproximou. Naquele casarão imperial da rua Formosa, na Capital Paulista, funcionava a Associação “José do Patrocínio”, entidade devotada à defesa da gente negra. Presidia-a o senhor José Ângelo Pinheiro que por secretário tinha o senhor Gil de Carvalho, dois dos muitos extrênuos batalhadores anônimos pela melhoria cultural da Mocidade e lutadores intemeratos pela comunhão social do homem e da família afro-brasileira.

A convite desses patrícios e de meu pranteado irmão Ismail que ocupava o cargo de Diretor Cultural da instituição, semanalmente proferia eu uma aula de orientação histórica-educativa para um grupo de senhoritas e rapazes selecionados, que mais se destacavam no campo das atividades programadas associativamente, a maioria estudantes ávidos de melhores conhecimentos a respeito dos “problemas específicos da coletividade”.

Numa dessas tertúlias despretenciosas, entre outros assistentes brancos e pretos, notei a presença de um cidadão de porte pequeno fisicamente, que parecia absorver minhas pobres palavras e concordar com os conceitos e apreciações apresentados. A cada encontro de nossos olhares, o cidadão acenava com a cabeça em sinal de aprovação ou concordância. Concluída a exposição dessa noite marcante para mim, seguida de debates, perguntas e esclarecimentos, o circunstante referido, após formular com naturalidade algumas questões pertinentes ao tema que fora tratado, num português que denunciava o estrangeiro, inquiriu-me:

- O senhor é sociólogo?
- Não, foi minha resposta – sou graduado em Economia e Direito. Aqui apenas procuro ajudar esses moços que acreditam em mim e me honram neste seminário improvisado, aberto para todos.

Nesse instante, um jovem participante de caravana do cidadão, o futuro acadêmico e condutor de movimento, falecido Jorge Prado Teixeira, negro retinto que provinha de Ribeirão Preto para ingressar na Faculdade de Filosofia, encarregou-se da apresentação formal:

- O senhor está falando com o professor Roger Bastide.

Claro que eu conhecia, de referência, o apresentado. Lera alguns dos seus trabalhos. Mas a emoção do contacto direto com o eminente especialista bem pode ser calculada. Desmanchei-me em desculpas e justificativas ante o Mestre, alegando minha condição de curioso, de autodidata da Sociologia e das Ciências Sociais. Expliquei-lhe que cursara a Escola de Sociologia Política, no seu início, muito mais preocupado na disciplina que me fascinara – a Estatística – com o emérito professor Bruno Rudolpher e que os comentários de minhas palestras eram resultantes de leituras e recordações de outros conceituados cultores das Ciências Sociais, dos quais lograra beber alguns fundamentos.

Ouvindo-me com peculiar atenção, o Mestre surpreendeu-me com sua resposta:

“O senhor não é autodidata. Assimilou muito bem os fundamentos básicos das Ciências Sociais e os transmite muito bem. Embora discorde de alguns conceitos, frutos de escolas diferentes, felicito-o e convido-o a visitar-me para uma conversa mais longa. Certamente desejaria contar com o seu concurso na minha equipe”.

Na semana seguinte, a Sra. Ermelinda de Castro, se bem me lembro, secretária, formalizava o convite prontamente atendido, para visitar o professor na Faculdade de Filosofia. E, assim, conheceu-me o Bastide que eu conhecia. O homem e o mestre entraram em minha vida, em meu respeito, em minha admiração.

Comecei, então, a ter contatos mais freqüentes com o Mestre, ora na Faculdade, ora em meu escritório, ora em minha casa, que ele honrava. Desse intercâmbio e das atividades correlatas, com o surgimento do 1º Congresso do Negro Brasileiro, sob a presidência de Bastide, designado eu um dos coordenadores, instalou-se a delegação paulista integrada pelos eminentes professores Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, Oraci Nogueira, Gilda de Melo, Fernando Góes, Geraldo Campos de Oliveira.

Mais intensa e mais íntima se tornou a convivência com Bastide quando Mário Wagner Vieira da Cunha – meu colega na Comissão de Serviço Civil do Estado – anunciara-me a próxima realização de estudos regionais sobre o negro, sob os auspícios da Unesco, pesquisas coordenadas por Bastide com o inconfundível concurso de Florestan Fernandes e assessoramento preciso de Lucila Herrmann. O projeto de estudo, da palavra de Bastide e Florestan, constituiu-se sem dúvidas num dos mais perfeitos e completos esboços na tentativa de levantar-se os

mais variados aspectos da contribuição de negro ao desenvolvimento nacional. E, desse esboço, originaram-se os mais sérios estudos da atualidade e foram bases de numerosos planos de pesquisas consagrados em obras posteriores sobre o negro no Brasil. Colaborando e aprendendo com o Mestre, fomos por ele distinguido com a elaboração de dados e elementos estatísticos sobre Suicídios, Imprensa Negra, Religião e Folclore, Demografia etc.

Os estudos sobre o negro e sua contribuição à realidade e ao desenvolvimento brasileiros ganharam em amplitude e extensão com Bastide. O próprio negro foi despertado pelos seus trabalhos e a cada ano novos e atilados espíritos eram guindados à superior apreciação do problema, revisando conceitos e abandonando empirismos toscos, graças à obra, revolucionária até certo ponto, de Bastide. Estimulando pesquisas, difundindo metodologia, visitando terreiros e centros de folclore, igrejas e sociedades, freqüentando paredros e lutadores, estimulando palestras e conferências, ensinando na cátedra, no campo, na rua, nas associações, Bastide — e sua equipe — muito contribuiu para que o negro se sentisse mais amparado e melhor se entendesse; firmou-se como um marco talvez decisivo para as novas gerações de tratadistas sociais, libertas de preconceitos e de prevenções, como o atestam a valiosa bibliografia de assuntos ligados ao negro brasileiro, inspirada na obra renovadora de Bastide. Obra sobretudo metódica, ordenada, sistemática, polêmica, que afastou o medo, o véu ou a vergonha de enfrentar, em termos culturais, a realidade do Brasil Negro.

Bastide entendia e apregoava que no domínio econômico, no educacional ou no social, “as reivindicações dos negros devem se fazer de acordo com as de seus irmãos de outras cores: são reivindicações de classe”. Em torno desse conceitos, por exemplo, estabeleceram-se inevitáveis controvérsias benéficas ao negro. Nós mesmos não concordamos inteiramente com o mestre nesses setores. Daí surgiram, nos meios brancos e negros, livros, folhetos, teses, boletins, artigos etc, discutindo a validade da afirmação e firmando-se as “correntes filosóficas” partidárias ou não da doutrina, que fizeram e vão fazendo escolas, discípulos, continuadores. E, qualquer que seja a escolha, não se pode olvidar o dedo gigante, a inteligência, o atilho atizador do mestre que insistia em ser aquele “o método mais eficaz para efetivarem-se as reivindicações” e o meio mais eficiente de fazer desaparecer as possíveis sobrevivências do preconceito de cor, caso exista entre os brancos, e do recalque entre os camaradas de cor”.

Já a mesma controvérsia não ocorreu no domínio cultural, quando aceitava e recomendava o mestre que o afro-brasileiro herdou de seus ancestrais uma cultura original e saborosa. Herdou qualidades de ritmo, o gosto musical e plástico. Tal herança deve ser abandonada, inquiria?

— Não — respondia — “e isso se baseia num patriotismo brasileiro bem compreendido. Isso, com efeito, tornou-se uma parte importante do patrimônio nacional e tanto no domínio erudito com grandes escritores, pensadores e artistas quanto no folclore. Ao defender, pois, a herança africana não se faz somente obra de fidelidade, trabalha-se para solidificar o caráter tão saboroso e a originalidade da cultura brasileira”.

E, defendendo-se dos eternos pescadores de águas turvas, o mestre justificava seu ponto de vista: não se tratava de racismo, que ele não admitia, num país de fusão das etnias e de fraternidade das culturas. “Trata-se não de conquistar um povo, mas, pelo contrário, numa democracia que vale aquilo que valem os cidadãos, fazer os cidadãos de cor subir o mais alto possível em colaboração com os demais cidadãos”. E rematava — Poder-se-á talvez censurar neste meu ponto de vista um etnocentrismo cultural. Mas é que como admirador da civilização africana, e sabendo que fonte de renovação ela foi para a arte, a música e a poesia, desejaria muito que ela continuasse a ser uma fonte de inspiração para os brasileiros.

Seria impossível traçar o perfil do mestre nestas poucas linhas, ou nelas dissecar sua obra magnífica. Fixo, neste tributo de homenagem, as diretrizes centrais do seu pensamento e atuação, que lhe grangearam, no meio negro brasileiro, num lugar altíssimo e justificado destaque. Sinto a presença do Homem, do Humanista solidário e franco. Percebo o calor da Bondade e do Amor. A coletividade negra o idolatra, agradecida. Mestre foi e mestre continua a ser em minha saudade, Roger Bastide.

São Paulo, maio de 1976

2. Depoimento

José Correia Leite

O testemunho do meu relacionamento com o Prof. Roger Bastide, como um dos militantes da chamada Imprensa Negra, vem da época em que foi efetuada, em São Paulo, a pesquisa das relações raciais entre negros e brancos, patrocinada pela revista *Anhembi* e a UNESCO, sob a orientação do próprio Prof. Bastide e Florestan Fernandes. Essa pesquisa de alta significação social, além de alcançar a finalidade de seu objetivo — ou seja, mostrar, exatamente, uma das realidades brasileiras, teve o condão de aproximar o saudoso Prof. Bastide de certo setor, esclarecido, do meio negro de São Paulo.

Neste meio, o Prof. Bastide se identificou como pessoa simples, igual e com um comovente espírito fraterno, grangeando, por isso mesmo a estima, admiração e o respeito de todos que tiveram a felicidade de o rodear.

Diante do Prof. Bastide ninguém se constrangia. Era um ser afável, igual, dado o seu hábito de lidar com gente simples, humildes até, nas suas incansáveis investigações e, principalmente a do culto africano, que mais o fascinava e de cujo